

Benoît PATAR, *Dictionnaire abrégé des philosophes médiévaux*, Les presses philosophiques, Cap-Saint-Ignace (Québec) 2000; 502 pp.; ISBN 2-922712-01-X.

Reunir num volume mais de dez séculos de pensamento tem sido o objectivo das muitas dezenas de histórias da filosofia medieval publicadas nas últimas décadas, que se confronta com sérios e controversos problemas de método e de delimitação do campo de estudo. O sucesso científico das iniciativas resulta não apenas da maior ou menor extensão da obra, mas sobretudo do modelo de exposição adoptado, ou temático ou cronológico, ou monográfico ou poligráfico, centrado ou em instituições e correntes ou em autores e por aí fora. Não é menos importante a tradição filosófica ou confessional em que o autor se insere, ou mesmo a perspectiva historiográfica que adopta. Basta colocar lado a lado as mais importantes histórias da filosofia medieval para o perceber.

Num dicionário de autores estão presentes os mesmos pressupostos e constrangimentos, mas o que muda é fundamentalmente a atitude do leitor. Ler um dicionário de filosofia é

diferente de ler uma história da filosofia, uma monografia ou um artigo de investigação. Aliás, de um dicionário dizemos que é “consultado”, não que é “lido”. Provavelmente apenas os recensores ou os especialistas terão a preocupação de seguir um dicionário de fio a pavio. O leitor que recorre a um dicionário para tirar uma dúvida ocasional, para completar uma informação deficiente em outra fonte, ou mesmo para confrontar com olhar de especialista o que é dito sobre tal ou tal autor, aborda um dicionário sob uma outra perspectiva. De facto, o que o leitor procura sempre, seja por estudo ou por mera curiosidade, é a informação exacta, actualizada, completa mas abrindo para buscas posteriores, ou mesmo para conhecer a perspectiva do autor. Será essa também a expectativa de quem abrir o recente *Dictionnaire abrégé des philosophes médiévaux* de Benoît Patar. A iniciativa sai plenamente recompensada porque encontrará aqui, em geral, a informação essencial sobre um número de autores muito mais amplo que o que podemos encontrar em outras obras do género. Numa época em que obras deste género resultam do trabalho de diversos colaboradores é grato assinalar a natureza sólida e ampla deste dicionário de filósofos medievais.

A quantidade e qualidade do conhecimento transmitido depende de um primeiro facto talvez desconfortável para o medievista, que esperaria encontrar aqui uma delimitação rigorosa das fronteiras cronológicas da Idade Média. Pelo contrário, apesar de, grosso modo, se estender entre 350 e cerca de 1500, as balizas temporais são extremamente fluidas, não só por efeito das diferentes secções, onde se inclui uma sobre autores pré-medievais, valorizados enquanto fontes principais do pensamento medieval. De facto, o Autor optou por incluir os mais importantes autores da patrística, embora tenha omitido em geral os chamados humanistas (nem mesmo os que ainda são cronologicamente medievais, como Petrarca), apesar de considerar como aspecto a revalorizar na compreensão da razão medieval o facto de nela estarem em germe e pré-contidos «todos os desenvolvimentos ulteriores que o Renascimento, o século das Luzes, o Romantismo e a época contemporânea conhecerão» (p. 11). Benoît Patar olha para a Idade Média como um momento florescente e excitante da história da filosofia, mas esse reconhecimento não equivale, segundo o autor, a considerá-la como «uma época idílica do ponto de vista do pensamento». Antes como uma época dada também ao trabalho dos problemas, com ampla diversidade geográfico-cultural, como aqui bem se testemunha com a inclusão de autores de língua latina, grega, hebraica, árabe, persa, para não referir outras de menor expressão ou as línguas vulgares do final da Idade Média. Para o autor, o âmbito que claramente merece mais atenção é o dos pensadores latinos, posteriores ao século XI, irradiando a partir de uma cidade, Paris, e associados a uma instituição central na renovação do pensamento ocidental: a Universidade. Obviamente é realçado o papel dinamizador das ordens mendicantes, mas sem que isso conduza a algum tipo de maior atenção (porque seria distorcedora), pelo contrário, o Autor recusa o neo-tomismo ou mesmo o tomaso-centrismo que caracterizou certos meios da medievística filosófica nos séculos XIX e XX.

Na breve introdução ao *Dictionnaire* não é evitada a hoje extemporânea discussão em torno da existência ou não de filosofia durante a Idade Média, mas na sua expressão de problema metodológico: é possível isolar “a filosofia” em obras cuja motivação e expressão é predominante teológica? E como integrar na filosofia uma extensa série de autores, cientistas ou mesmo tradutores que foram determinantes para a história da filosofia embora a sua obra não possa ser integrada neste âmbito disciplinar? Benoît Patat encontrou uma elegante solução para o problema metodológico, não pela exclusão, mas pela integração. Em vez de abdicar de um critério de seriação apresentando apenas uma sequência alfabética de autores (o que obrigaria ou a uma selecção estrita de autores, ou a evitar uma caracterização da “filosofia”), optou por uma organização em cinco secções, o que permitiu oferecer um extenso e detalhado panorama de todas as áreas intelectuais que intersectaram e estimularam a tradição e a práxis filosófica.

É na secção I que se encontram propriamente aqueles que o Autor considera «Os filósofos medievais» (pp. 15-261). Na introdução chamara a atenção para o facto histórico de a partir do século XI se assistir a um questionamento audacioso e rejuvenescedor das evidências cognitivas e dogmáticas vigentes nos séculos anteriores. É nesse contexto que teólogos da segunda metade do século XIII e do século XIV (Alberto Magno, Tomás de Aquino, Rogério Bacon, Duns Escoto, Ockham, para citar alguns) introduzem «a concepção definitiva de um pensamento considerado como um exercício racional autónomo», chegando mesmo e pela primeira vez, defende o Autor, a ser afirmada, por alguns destes autores, «a total autonomia do discurso filosófico» (p. 10). Por essa razão estes pensadores, que são teólogos por formação e função profissional, interessam primordialmente à Filosofia. O mesmo é realçado quanto a outras áreas do saber, por exemplo a gramática ou mesmo outras artes do *quadrivium*, que deram lugar a reflexões e debates que interessam e podem legitimamente ser considerados no âmbito da Filosofia. Não deixa por isso de ser sublinhada com afecto a grande «inventividade e audácia» dos autores medievais em domínios como a lógica, a antropologia, a metafísica, a epistemologia (p. 11). Estas indicações permitem-nos então balizar o que encontramos na primeira secção do *Dictionnaire*: autores de todas as épocas, desde Agostinho de Hipona a Nicolau de Cusa, e de diversos domínios, com preponderância para a lógica e a teologia e para os mestres de artes das universidades dos séculos XIII e XIV. Não faltam as entradas sobre obras anónimas (Anonyme du *Livre des XXIV Philosophes*, etc.), ou sobre escolas e correntes (Adamitas, Albertistas, Augustinistas, etc.). Como se compreende, a extensão das notícias e bibliografia é variável, nunca menos de meia página, mas chegando a ser de mais de 4 páginas para Roberto Grosseteste (curiosamente um pouco menos para Tomás de Aquino), sendo que ao bispo de Lincoln é ainda dedicada uma página na secção dos tradutores. Em alguns casos sob um mesmo lema são abordados diversos autores, como acontece na entrada sobre os “Thomistes”.

A segunda secção, «Les savants médiévaux» (pp. 263-311), tem um subtítulo que indica que nela se reúnem aqueles autores «directa ou indirectamente mencionados nos escritos filosóficos», uma parte importante dos quais são autores árabes, ou gregos (por exemplo, Galeno ou Ptolomeu são incluídos), ou latinos como Arnaldo de Vilanova, Leonardo de Pisa, ou seja, autores que escreveram sobre domínios como a medicina, as matemáticas, a astronomia/astrologia, a alquimia, etc.

A secção III inclui os «Auteurs de l'Antiquité tradive» (pp. 313-344) e começa com Alexandre de Afrodísias para terminar em Temístio, passando por Calcídio, Plotino ou Porfírio, incluindo principalmente comentadores gregos de Aristóteles, neoplatónicos, enciclopedistas e gramáticos que exerceram profunda influência durante a Idade Média, directa ou através de traduções.

«Les traducteurs médiévaux des oeuvres philosophiques ou scientifiques» (pp. 345-367) constituem a secção IV, com entradas sobre os tradutores latinos e seus colaboradores judeus, mas também sobre os tradutores árabes e judeus, que foram a via indirecta de entrada posterior de certas obras no mundo latino, por via das respectivas retraduições. Aqui nota-se em particular a ausência de João de Sevilha (Iohannes Hispalensis).

Por fim, na secção V (pp. 369-460), dedicada a «Quelques auteurs spirituels ou littéraires ayant exercé une influence sur les philosophes médiévaux», reúnem-se as notícias sobre um extenso número de homens e mulheres, particularmente Padres da Igreja, místicos e enciclopedistas como Bartolomeu Ânglico, Isidoro ou Vicente de Beauvais. Embora se compreendam as opções do Autor, alguns destes poderiam ter sido incluídos na secção I, como Bernardo de Claraval ou Bernardo Silvestre, entre outros.

As entradas têm uma organização criteriosa, seguida com homogeneidade, havendo a distinguir entradas onomásticas e as temáticas. O lema das entradas é dado na forma francesa corrente do nome do autor ou da escola (nos casos de autores árabes é dada a transliteração do nome), apresentando-se em seguida as variantes e as designações latinas. Cada entrada inclui duas partes: um texto descritivo contendo em geral uma breve biografia do autor, a indicação das suas obras principais, domínios em que o seu pensamento é relevante, com a apresentação, em alguns casos, das doutrinas ou inovações mais marcantes, não abdicando de em certos casos chamar à discussão as interpretações historiográficas mais incisivas ou mais discutíveis (para um exemplo, veja-se a entrada “Jean Eckhart”). A segunda parte das entradas é constituída por uma bibliografia em duas partes: a) sobre as obras, onde se indicam as traduções francesas existentes e as edições em latim, de modo exaustivo e minucioso para a generalidade dos autores, ou de modo mais genérico para aqueles mais estudados e para os quais se dispõe de edições críticas; b) estudos, com uma selecção criteriosa dos mais influentes e dos mais recentes. Esta organização das entradas do dicionário dá-lhes um equilíbrio e uma facilidade de uso que o tornam indispensável para um primeiro ponto da situação e para a localização das fontes e da bibliografia secundária, para além de

satisfazer amplamente a necessidade informativa sobre autores que é difícil encontrar em obras de referência ou nas grandes histórias da Filosofia.

Poderia ser objecto de reparo a exclusão de um ou outro autor, mas essa seria uma crítica injusta, porque o Autor não pretende a exaustão, e fácil, uma vez que é sempre possível encontrar autores menores que não foram incluídos. Poderíamos, por exemplo, lamentar a reduzida a presença de autores portugueses, pois apenas dois são contemplados: “Pedro Hispano” na secção I (o Autor dá conta das dúvidas recentes quanto à sua identidade), e “António de Pádua” na secção V. Quanto a referências bibliográficas certas ausências apenas se podem explicar por o Autor ter privilegiado as publicações em língua francesa. Contudo, se olharmos para outras obras congêneres, o panorama não é muito diverso.

A diversidade de secções, que poderia tornar difícil e demorada a localização de autores foi colmata pela inclusão de uma tabela onomástica geral (pp. 487-497) onde, para além das escolas e obras anónimas, estão indexados todos os nomes dos autores estudados, mesmo as suas diversas variantes, o que facilita a localização de qualquer nome, seja qual for a língua de trabalho do leitor.

Mas, não é tudo, porque, cioso da disponibilização do máximo de elementos, este volume inclui, a preceder a tabela onomástica, elementos cronológicos inesperados, como um «Lista dos papas medievais» (pp. 463-5), a «Lista dos reis de França na Idade Média» (p. 466), a «Lista dos reis de Inglaterra na Idade Média» (p. 467), a «Lista dos Imperadores da Alemanha na Idade Média» (p. 468), a «Lista dos concílios ecuménicos e de alguns concílios não ecuménicos até 1500» (p. 469). Benoît Patar confeccionou e incluiu ainda um «Vocabulário ideológico e técnico» onde apresenta de forma sucinta alguns termos necessários para a compreensão de certos aspectos históricos e mesmo do pensamento filosófico da Idade Média.

Benoît Patar nasceu nas Ardenas (Bélgica, 1938) e desde 1967 vive e ensina no Canadá. Doutorado em Filosofia medieval, Economista, Poeta, escritor, editor, tradutor, cinéfilo, é também um conhecido especialista no pensamento de João Buridano, o mais bem sucedido filósofo parisiense do século XIV e seguramente um dos mais prolíficos mestres da Universidade de Paris e influentíssimo comentador de Aristóteles. Entre outras obras, Benoît Patar publicou e estudou a *prima lectura* sobre o *De anima* atribuída a Buridano e obras de Alberto de Saxónia, sobre a *Física* de Aristóteles, e de Nicolau Oresme, sobre o *De anima*. O seu trabalho de estudo do pensamento medieval levou-o a traduzir e a publicar em separado traduções destas obras, bem como alguns tratados da *Suma de lógica* de Buridano, nomeadamente as *Consequências*. Discípulo de Van Steenberghen, encontrou no exemplo do mestre a preocupação pelo regresso aos textos como base para a compreensão e a apresentação dos pensadores medievais.

Por modéstia, o Autor chamou a esta obra *dicionário abreviado*, mas não o é, nem na dimensão, nem na extensão de autores incluídos, nem na diversidade de áreas filosóficas e científicas, nem na qualidade dos materiais coligidos. Trata-se sim de um dicionário sem

## RECENSÕES

paralelo, na sua dimensão, para a compreensão e o estudo da Filosofia Medieval. O *Dictionnaire* é, pois, um instrumento de trabalho muito útil para estudantes e especialistas, necessário em qualquer biblioteca. O Autor prepara uma segunda edição, revista e ampliada, o que nos deixa na expectativa de vir a ter brevemente entre mãos uma ainda mais completa obra de referência.

J.F. Meirinhos

\*\*\*